Lição 8: O que move o pesado e o leve. Tudo o que é movido é movido por outro

O que move o pesado e o leve. Tudo o que é movido é movido por outro.

1029. Após mostrar que o pesado e o leve não se movem a si mesmos, ele mostra por que são movidos.

Primeiro, mostra por que são movidos;

Em segundo lugar, conclui sua intenção principal, no parágrafo 1036.

Sobre o primeiro, ele faz duas coisas:

Primeiro, mostra que são naturalmente movidos por algo;

Em segundo lugar, investiga por que são movidos, no parágrafo 1030.

Ele diz, portanto, primeiro (798) que, embora o pesado e o leve não se movam a si mesmos, são, no entanto, movidos por algo. E isso pode ser esclarecido se distinguirmos as causas motoras. Pois, assim como nas coisas que são movidas, devemos considerar que (1) algumas são movidas segundo a natureza e outras não, também nos motores, alguns movem não segundo a natureza, por exemplo, um bastão, que não é naturalmente capaz de mover um corpo pesado como uma pedra; e (2) algumas coisas movem segundo a natureza, como o que é atualmente quente move naturalmente o que é, segundo sua natureza, potencialmente quente, e similarmente em outros casos. E assim como o que está em ato causa movimento naturalmente, o que está em potência é naturalmente movido, com respeito à quantidade, qualidade ou lugar.

E porque no Livro II ele havia dito que são movidas naturalmente aquelas coisas cujo princípio de movimento existe nelas *per se* e não em virtude de algum atributo concomitante, o que poderia levar alguém a supor que o que é apenas potencialmente quente, quando se torna quente, não é movido naturalmente por estar sendo movido por um princípio ativo externo de seu movimento, ele agora acrescenta, como que para evitar essa objeção, "visto que tem um princípio desse tipo em si mesmo e não acidentalmente", como se dissesse que, para que um movimento seja natural, basta que um princípio desse tipo, isto é, a potência, da qual ele fez menção, exista naquilo que é movido *per se* e não *per accidens*, como um banco é potencialmente combustível, não precisamente como banco, mas como madeira.

Portanto, ao explicar a expressão "*per accidens*", ele acrescenta que o mesmo sujeito pode ser quantificado e qualificado, mas um desses está relacionado ao outro *per accidens*; o que é potencialmente de tal e tal qualidade é também potencialmente quantificado, mas *per accidens*.

Portanto, porque o que está em potência é naturalmente movido por algo em ato, e nada está em potência e em ato com respeito ao mesmo, segue-se que nem o fogo, nem a terra, nem qualquer outra coisa é movida por si mesma, mas por outro. O fogo e a água são movidos por outro, mas por compulsão, quando seu movimento está fora de sua potência natural; mas são movidos naturalmente quando são movidos para seus atos próprios, para os quais estão em potência segundo sua natureza.

1030. Então, no parágrafo (799), ele mostra por que são movidos. E porque o que está em potência é movido por algo em ato,

Primeiro, ele distingue a potência;

Em segundo lugar, a partir disso, mostra por que tais coisas são movidas, no parágrafo 1035.

Sobre o primeiro, ele faz três coisas:

Primeiro, mostra que é necessário conhecer as maneiras pelas quais algo é dito estar em potência;

Segundo, ele explica isso em 1031;

Terceiro, com isso, ele resolve uma questão, em 1033.

Ele diz, portanto, que a razão pela qual não é evidente por que as coisas pesadas e leves são movidas quanto ao seu movimento natural (como o fogo para cima e a terra para baixo) é que a expressão "estar em potência" tem muitos sentidos.

1031. Em seguida, em (800), ele distingue "estar em potência":

Primeiro, no entendimento;

Segundo, na qualidade, em 1032;

Terceiro, no movimento local, em 1033.

Ele diz, portanto, primeiro que aquele que está aprendendo e ainda não possui o hábito da ciência não está em potência para a ciência da mesma forma que aquele que já possui a ciência, mas não a está usando ao considerar.

Mas algo é reduzido da primeira potência para a segunda quando o princípio ativo se une ao paciente; e então o paciente, pela presença do princípio ativo, chega a estar em relação a tal ato, mas depois disso o paciente ainda está em potência: por exemplo, um aprendiz é reduzido da potência ao ato pela ação do professor, mas quando ele está nesse estado de ato, ainda há outra potência presente. Consequentemente, a coisa existente na primeira potência chega a outro

estado de potência; porque aquele que tem ciência e não está considerando está, de certa forma, em potência para o ato da ciência, mas não da mesma forma que estava antes de aprender. Portanto, da primeira potência ele é reduzido a um ato ao qual está unida uma segunda potência, por algum agente, a saber, o professor.

Mas quando ele está no estado de possuir o hábito da ciência, não é necessário que seja reduzido ao segundo ato por algum agente; antes, ele opera imediatamente por si mesmo, apenas considerando, i.e., a menos que seja impedido por outras ocupações, por doença ou por sua vontade. Por outro lado, se ele não estivesse impedido e ainda assim não pudesse considerar, então ele não estaria no hábito da ciência, mas em seu contrário, a saber, a ignorância.

1032. Em seguida, em (801), ele manifesta a mesma coisa nas qualidades. E diz que o que foi dito a respeito da potência de algo na mente também se aplica aos corpos naturais. Pois quando um corpo está realmente frio, ele está potencialmente quente, assim como uma pessoa ignorante é potencialmente um conhecedor. Mas quando esse corpo foi modificado de tal forma que possui a forma do fogo, então ele é agora realmente fogo e tem o poder de queimar; e age imediatamente e queima, a menos que seja impedido por algo que age contrariamente ou que de alguma forma impede sua ação, como pela remoção do material combustível. Isso é semelhante ao que foi dito acima, que quando alguém, após aprender, se torna um conhecedor, ele imediatamente considera, a menos que seja impedido por algo.

1033. Em seguida, em (802), ele manifesta a mesma coisa no movimento local dos corpos pesados e leves. E diz que uma coisa leve vem a ser a partir de uma pesada, assim como uma coisa quente vem a ser a partir do frio, como, por exemplo, quando o ar, que é leve, vem a ser a partir da água, que é pesada. Portanto, essa água é primeiro potencialmente leve e depois se torna realmente leve, e então ela tem sua própria atividade imediatamente, a menos que algo a impeça. Mas agora, sendo leve, ela está relacionada a um lugar como potência ao ato — pois o ato do leve enquanto leve é estar em algum lugar definido, a saber, acima; mas ele é impedido de estar em cima pelo fato de estar em um lugar contrário, a saber, embaixo, porque não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo. Portanto, aquilo que mantém uma coisa leve para baixo impede que ela esteja em cima. E o que foi dito sobre o movimento local também é verdadeiro para o movimento em relação à quantidade ou qualidade.

1034. Em seguida, em (803), ele usa o que foi dito para responder a uma questão. Pois, embora o ato do leve seja estar em cima, alguns perguntam por que as coisas pesadas e leves são movidas para seus lugares apropriados. Mas a causa disso é que eles têm uma aptidão natural para tais lugares. Pois ser leve é ter aptidão para estar em cima, e a natureza do pesado é ter aptidão para estar embaixo. Portanto, perguntar por que uma coisa pesada é movida para baixo é exatamente o mesmo que perguntar por que ela é pesada. Dessa forma, a própria coisa que a torna pesada faz com que ela seja movida para baixo.

1035. Em seguida, no ponto (804), ele utiliza o que foi dito para mostrar o que move o pesado e o leve. E diz que, como aquilo que está em potência é movido pelo que está em ato (conforme foi dito), é preciso considerar que algo é dito de vários modos como potencialmente leve ou pesado.

Pois, de um modo, quando algo ainda é água, está em potência para a leveza; de outro modo, quando a partir da água já se gerou ar, ainda está em potência para o ato do leve, que é estar acima, da mesma forma que aquele que possui o hábito da ciência e não está considerando é dito ainda estar em potência — pois o leve pode ser eventualmente impedido de estar no alto.

Se, portanto, esse obstáculo for removido, imediatamente age visando estar no alto, ascendendo, assim como foi dito a respeito da qualidade: quando uma coisa está atualmente com tal e tal qualidade, imediatamente tende ao seu ato, como o conhecedor imediatamente considera, a menos que seja impedido. E o mesmo vale para o movimento em relação à quantidade, pois do fato de ter sido feita uma adição de quantidade a uma coisa quantitativa, a extensão segue imediatamente em um corpo capaz de crescer, a menos que algo impeça.

Assim, fica claro que aquilo que move, ou seja, aquilo que remove o obstáculo que impede e sustenta, de certo modo causa movimento e de outros modos não; por exemplo, se uma coluna sustenta algo pesado e assim o impede de descer, aquele que derruba a coluna é dito de algum modo mover o objeto pesado que era sustentado pela coluna. De maneira semelhante, aquele que remove um tampão que impedia a água de sair de um recipiente é dito, de certo sentido, mover a água; pois é dito mover *per accidens* e não *per se*. Além disso, quando uma bola ricocheteia em uma parede, é movida *per accidens* pela parede, mas *per se* por quem a lançou inicialmente. Pois não foi a parede, mas o lançador quem lhe deu o impulso para o movimento; mas foi *per accidens* que, sendo impedida pela parede de continuar conforme seu impulso, ela ricocheteou em um movimento contrário, permanecendo o impulso original. De modo semelhante, aquele que derruba a coluna não deu ao objeto pesado que repousava sobre ela o impulso ou a inclinação para baixo, pois ele já a tinha desde o primeiro gerador, que lhe deu a forma da qual essa inclinação decorre. Consequentemente, o gerador é o movedor *per se* do leve e do pesado, enquanto aquele que remove obstáculos é um movedor *per accidens*.

Ele conclui, portanto, que fica claro pelo que foi dito que nenhum desses, isto é, dos pesados e dos leves, move a si mesmo; contudo, seu movimento é natural, porque têm em si mesmos o princípio de seu movimento, não um princípio motor ou ativo, mas um princípio passivo, que é uma potência para tal e tal ato.

Disso resulta evidentemente que é contrário à intenção do Filósofo que na matéria haja um princípio ativo, que alguns declaram ser necessário para um movimento natural; pois um princípio passivo é suficiente, já que é uma potência natural para o ato.

1036. Em seguida, no ponto (805), ele conclui à conclusão principalmente pretendida em todo o capítulo. E diz que, se é verdade que todas as coisas que são movidas *per se* são movidas ou segundo a natureza, ou fora de sua natureza e por compulsão, e se daquelas que são movidas por compulsão é verdade que todas são movidas não apenas por um movedor, mas até por um movedor externo que é outro; e, novamente, se entre as coisas que são movidas segundo a natureza, umas são movidas por si mesmas — nas quais é claro que são movidas por algo não extrínseco, mas intrínseco — enquanto outras, como as coisas pesadas e leves, são movidas segundo a natureza não por si mesmas, mas por algum movedor (como foi explicado) — pois são movidas ou *per se* pelo gerador que as faz ser pesadas e leves, ou são movidas *per accidens* por qualquer coisa que remove o que impede ou obstrui seu movimento natural —, consequentemente fica claro que todas as coisas que são movidas são movidas por algo, ou seja, por um movedor

intrínseco ou extrínseco; o que significa ser movido por algo outro.

Revision #3
Created 27 September 2026 18:52:05 by Admin
Updated 1 October 2026 23:55:09 by Admin